



Eliane Alves Cruz fala sobre o lançamento de seu novo livro, *Meridiana*, e firma o compromisso com narrativas que causem incômodo e reflexão

Por **Nívia Passos**

Foto: Celso Koyama / Divulgação

O prazer em contar histórias levou Eliane Alves Cruz para o jornalismo, já que o caminho na comunicação parecia mais possível do que se arriscar a viver de livros. Por muitos anos, usou a familiaridade com as palavras no mundo do esporte, até que entendeu que precisava tirar do papel o sonho antigo de ser escritora. "Foi como se tivesse um relógio falando: 'Vamos continuar com isso até o fim?'. Então, decidi tentar", lembra.

A jornada começou com *Água de Barrela*, lançado em 2018 pela Editora Malê. O livro, que a autora afirma ser o "de sua vida inteira", foi escrito sem grande pretensão de alcançar reconhecimento. O pensamento inicial era de que apenas a família e os amigos se interessariam por ele, o que não a impediu de seguir firme com a escrita, por entender que se tratava de uma história que precisava ser contada. Na trama, através da personagem central Damiana, a escritora revisita 300 anos de memória e luta pela liberdade das lavadeiras negras que sobreviviam cuidando das roupas das sinhás. "Eu queria que meus filhos crescessem com essa história, porque acho que eu mesma seria uma pessoa diferente se tivesse aprendido mais sobre mim. Talvez, tivesse adiantado muitos processos", reflete.

Essa busca pela verdade e conhecimento por meio da escrita, algo que a move até hoje, acabou indo muito além do esperado, e o que era para ser apenas um lançamento tímido, levou a carioca para o caminho que sonhava desde o início. Com a história concluída, ela se inscreveu no prêmio da Fundação Cultural Palmares, venceu e hoje tem seis romances publicados, além das antologias e coletâneas de contos e poemas que participa. Eliane é um dos grandes expoentes da literatura brasileira contemporânea. Seu penúltimo livro, *Solitária* (Companhia das Letras, 2022), foi um dos mais comentados e elogiados pela crítica no ano de lançamento. A partir dele, surgiu a inspiração para sua mais nova publicação, *Meridiana*, que chegou às livrarias em outubro pela mesma editora.

HISTÓRIAS QUE SE COMPLETAM

Enquanto o primeiro conta a história de uma empregada doméstica e de sua filha, que transita entre os dois polos sociais, o mais novo narra, em seis vozes, a trajetória de uma família negra que chega na classe média sem se sentir pertencente ao lugar que tanto batalharam para estar. "*Meridiana* é filha de *Solitária*. Pensei nessa menina, filha da empregada doméstica, que tem mobilidade social e vai para outro bairro quando se forma médica. Mas como será a vida dela nesse novo espaço? Comecei a pensar sobre o que é estar em lugares que, historicamente, não foram preparados para nos receber, e para os quais fomos treinados a não sonhar. Como se dá esse encontro? Como sobreviver às violências sutis e explícitas do classicismo e do racismo?", provoca.

Como no processo de todos os seus livros, o desenrolar da narrativa de *Meridiana* ganhou forma enquanto Eliane escre-

via inspirada por outras formas de arte que também a movem — como a música, as artes plásticas, a fotografia e o cinema. O desafio, ela conta, foi encontrar o tom de voz de cada personagem, já que cada capítulo do romance é narrado em 1ª pessoa por um deles. "Precisei dar um espaço para me livrar dos vícios de um personagem antes de escrever o próximo. Cada um tem uma voz única, ao mesmo tempo em que precisa ser coerente com a história dos outros. Os eventos são os mesmos, ainda que vistos de modos diferentes", explica. Por esse cuidado com os detalhes, foram cerca de dois anos do começo da escrita até o livro ficar pronto, com nove meses apenas de reescritas e ajustes com o editor, Fernando Baldríia. "Esse olhar de fora é importante. A gente precisa ter humildade para entender que uma coisa que faz sentido para nós, talvez, não faça para o leitor."

LITERATURA DE RECONHECIMENTO

O trabalho minucioso resultou em uma narrativa que consegue ser sensível e densa ao mesmo tempo, expondo as feridas que o não pertencimento causa nas pessoas negras, ainda que elas alcancem status social. A escrita lapidada e verdadeira de Eliane, mais uma vez, cumpre uma das funções mais importantes da literatura: a de causar reflexão sobre situações incômodas e, também, reconhecimento. "Existem pontos sensíveis que a gente evita tocar, mas acho que a literatura deve expor — não como denúncia, mas como reflexão sobre a experiência humana. Quando você lê uma história assim, começa a pensar na própria vida e elaborar seus processos", afirma.

Para isso, a observação das próprias vivências e de outras pessoas negras de seu convívio foi uma das principais fontes de inspiração, além da coragem de mexer em pontos dolorosos na jornada de uma das protagonistas para passar a mensagem necessária. Ao longo das páginas do livro, as lembranças dos personagens são como fios condutores que explicam quem eles são hoje — e, em alguns casos, para onde querem voltar. Um deles, no entanto, perde um de seus bens mais importantes em meio ao turbilhão de uma vida que causou o próprio apagamento. "Fazer uma mulher negra perder a memória foi muito duro para mim, mas foi a forma de dizer: somos humanas. Alguém precisa cuidar da gente também", finaliza. 

COMPANHIA DAS LETRAS,
R\$ 69,90

